



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na reunião com integrantes do Fórum Nacional pela Reforma Agrária e Justiça no Campo**

**Parque da Cidade – Brasília-DF, 21 de novembro de 2003**

Meus companheiros,  
Minhas companheiras,  
Companheiros do Movimento,  
Ministros,  
Deputados,  
Nosso querido dom Tomás Balduino,  
Companheiros de todos os movimentos que estão aqui representados,

Primeiro, quero dizer a vocês porque eu tomei a decisão de vir aqui. Eu tomei a decisão porque não seria justo que eu, que historicamente participei de quase todos os encontros que o Movimento pela Reforma Agrária fez no país, deixasse de participar porque sou Presidente da República.

Eu vim aqui para dizer a vocês que mudou a minha condição. Antes, eu era um candidato a Presidente da República pela oposição, que acreditava em muitas coisas. Eu fui eleito Presidente para cumprir as muitas coisas em que eu acreditava e que defendi a vida inteira.

Mas eu não posso me conformar que uma “menininha desaforada”, como disse dom Tomás Balduino, depois do sacrifício que estou fazendo para emagrecer, me chame de “o gordo”. Não é possível. Se ela soubesse o quanto é difícil a gente perder um quilo depois que a gente engorda, ela falaria: “O Presidente está até magrinho”. Você, quando voltar para a sua terra, vai ter que dizer: “Eu encontrei o presidente Lula e ele está tão magro que eu quase não o reconheci”.



Mas, companheiros e companheiras, eu penso que cada um de vocês, que ao longo desses últimos anos, tem dedicado parte da vida para lutar, neste país, por justiça social, em todos os movimentos, seja na luta pela reforma agrária, seja na luta por uma casa para morar, seja na luta por melhoria da saúde ou pela educação, tem a clareza de que nem sempre as coisas são tão fáceis como nós gostaríamos que fossem.

Nesses onze meses de governo – e eu queria dizer aos companheiros que falaram, aqui, pelo Movimento, que o Palocci não tem culpa. Graças a Deus a gente tem o Palocci no Ministério da Fazenda, porque a decisão nunca é do Palocci, a decisão é do governo. Muitas vezes, num simples sindicato – e aqui deve ter muitos dirigentes sindicais –, no MST, na CUT, muitas vezes o Presidente quer fazer algumas coisas e é o tesoureiro quem diz para ele: “Não vai fazer, porque não dá.” Isso acontece no governo e a política é determinada pelo conjunto do governo.

E vocês, que são dirigentes, sabem como foi este ano, para que a gente não permitisse que acontecesse, neste país, o que muitos adversários gostariam. Quando tomamos posse, no dia 1º de janeiro, não faltavam especuladores oposicionistas para dizer que nós não daríamos conta de governar este país, que este país iria quebrar. Não faltavam aqueles que não deixassem de dizer que o Brasil não tinha credibilidade para financiar as suas exportações, que não havia crédito, que a inflação prevista era de 40% para os próximos 12 anos, e que nós não iríamos conseguir dominar a famosa rédea do mercado. Foi preciso sempre muito cautela, e a minha vida tem sido pautada por isso.

Quando fui eleito pelo Sindicato, em 1975, os velhos militantes de esquerda, da época, diziam para mim: “Não entre no Sindicato, porque você não vai conseguir fazer nada. A estrutura sindical é cópia fiel da “Carta di Lavoro” de Mussolini, e você vai virar um pelego.” Em três anos nós mudamos a história do sindicalismo brasileiro. Da mesma forma que não faltaram, no



Brasil, aqueles que dissessem: é humanamente impossível criar um partido político nos moldes do PT. E, 20 anos depois, nós temos o mais importante partido político da América Latina.

Da mesma forma que não faltaram aqueles para dizer: este Lula, ele não fala nem inglês, como é que ele quer ser Presidente da República e viajar ao mundo para conversar com Bush e não sei com quem? E eu, na paciência que Deus me deu, dizia: muito mais do que falar uma língua estrangeira, para defender os interesses deste país, o Presidente tem que ter caráter e compromisso com o seu povo, porque é isto que determina a ação política do Presidente da República.

E, hoje, meus companheiros dirigentes, estou aqui porque conseguimos, em onze meses, o que pouca gente neste mundo acreditava que fosse possível fazer. Hoje, meu companheiro Mané, companheiros João Pedro e Marinho, a América do Sul tem um projeto porque nós ajudamos a construir. Não porque o Brasil quer ter uma relação hegemônica com qualquer país. O Brasil quer ter uma relação de parceria, respeitando aqueles que têm a economia mais fraca do que a nossa, sendo solidário e contribuindo até para fazer investimentos naqueles países.

Foi com essa atitude que nós não permitimos que eles fizessem com o presidente da Venezuela, o companheiro Chávez, o que eles queriam fazer. Porque a campanha contra o Chávez começou quando ele mexeu em duas coisas: na questão da reforma agrária e da pesca, proibindo os barcos de arrastão. Foi quando começou a grande campanha.

Nós não nos metemos na política de outro país. Mas eu tive o prazer e a felicidade de, ainda em janeiro, encontrar muitos Presidentes da América do Sul, na posse do presidente Gutiérrez, no Equador. E, lá, criamos o Grupo dos Amigos. O companheiro Chávez não queria que os Estados Unidos participassem. E eu dizia: Chávez, não podem ser apenas os seus amigos. É preciso que a gente coloque, juntos, aqueles que estão tentando contrariar o



que você está fazendo. Isso é uma negociação.

E, hoje, eu posso dizer a vocês: o Clube dos Amigos, do qual o Brasil foi o autor da idéia, é responsável pela tranquilidade política em que vive a Venezuela e, até, pela tranquilidade política do *referendum*, se é que a oposição vai conseguir as assinaturas.

Mas, nesse mesmo período era preciso construir uma proposta sólida, uma alternativa para a chamada globalização, as negociações na Organização Mundial do Comércio, porque cada país tentava encontrar, sozinho, uma saída. Nós temos, de um lado, a Comunidade Econômica Européia, que tem um poder extraordinariamente grande, do ponto de vista econômico e tecnológico. Do outro lado temos os Estados Unidos e nós começamos a pensar: onde é que nós ficamos? Não adianta viajar pelo mundo, reconhecendo que no Brasil tem criança passando fome. Não adianta viajar pelo mundo dizendo que no Brasil tem miséria, porque eles estão pensando é nas suas economias e nos seus países, não estão pensando se crianças estão morrendo de fome aqui.

Foi aí, meus companheiros, que nós começamos a pensar, e essa é uma lição que eu trouxe do movimento sindical: se separados a gente tem poucas chances, por que não nos juntamos com aqueles que pensam igual a nós e que têm força similar à nossa? Depois de recomposta a América do Sul, criamos o G-3: África do Sul, Brasil e Índia, o que já é um passo excepcional, mas queremos mais. Queremos a África do Sul, Índia, China e Rússia, para que a gente tenha, num bloco, mais o G-20, mais da metade da população mundial. Não para afrontar os Estados Unidos ou a União Européia, com os quais temos grandes relações comerciais. Apenas para dizer: nós queremos um comércio exterior igualitário, um comércio em que sejamos tratados em igualdade de condições, em que os países ricos não subsidiem a sua agricultura e impeçam a nossa de chegar lá.

Nós não queremos afrontar ninguém, apenas ser respeitados. E eu faço questão de dizer: respeito é bom, eu dou e gosto de receber. E é por isso que



nós estamos construindo uma força política alternativa.

Mas as coisas não acontecem como um passe de mágica, não basta querer para acontecer. Às vezes, um processo de negociação demora meses e até anos. Esses dias, eu disse a um grupo de companheiros, quando estávamos discutindo uma saída da Bolívia para o Pacífico, porque isso gera conflito desde o século XVIII: não é possível que a gente não tenha uma evolução política e seja dirigente do século XXI deixando de fazer política por causa do que aconteceu no século XVIII. É preciso construir uma saída para isso. E vamos construir, com muita paciência, com muita tranquilidade, com muita conversa porque, senão, a gente não consegue dar os passos necessários.

Quando eu falo de equilíbrio, meus companheiros – eu contei uma história no Congresso da CUT, sobre aqueles que não têm paciência. É como se, na saída de uma partida de futebol, todo mundo achasse que tinha de fazer um gol nos primeiros cinco segundos. Às vezes, passam os 90 minutos e não se consegue fazer um gol porque do outro lado tem adversário, tem goleiro, tem beque central para impedir o gol.

Muitas vezes a gente morre afogado pela nossa pressa. Se o ser humano tivesse controle psicológico quando caísse na água, se ele parasse de respirar ou controlasse a respiração, e se ele não se debatesse muito, não morreria afogado, ficaria boiando o tempo que quisesse. Nós morremos porque, às vezes, começamos a gritar, de forma apavorada, a beber água e a ficar cansados e, aí, dali a pouco, afundamos.

No governo, a gente tem que medir cada passo, porque um passo errado significa uma volta atrás. E uma volta atrás significa fazer sofrer aqueles que já sofrem neste país. Este país, meus companheiros, durante muitos e muitos anos, foi pego de sobressalto, com planos mirabolantes: “Agora vai dar”, e todo mundo entrava em festa. “Agora vai ser para valer”, e todo mundo ficava feliz. E, seis meses depois, “a vaca ia para o brejo” e o povo ficava com o



prejuízo, porque, em todos os “milagres”, sobrou prejuízo nas costas do trabalhador.

Agora mesmo tem um saldo do Plano Real para nós pagarmos, de quase 14 bilhões de reais para os aposentados, só que não temos dinheiro no Orçamento. Então, é preciso que a gente não perca nunca a paciência. Eu estou aprendendo, nesta vida, a ter paciência, a contar até dez, a saber que, se eu não posso dar um passo grande, eu dou um passo milimétrico, mas eu tenho que dá-lo para a frente e nunca para trás.

E eu tenho dito isso para todo mundo, para aqueles que tiveram pressa, para aqueles que não sabem esperar e para aqueles que acham que a gente poderia fazer as coisas num toque de magia. Porque nós estamos aqui, reunidos, mas tem gente que não gosta que estejamos aqui, reunidos.

Vocês viram a confusão que deu quando eu coloquei o chapéu dos sem-terra na cabeça, como se fosse a primeira vez na vida. Eu coloco o chapéu dos sem-terra na cabeça, da Contag, da CUT, de todos os movimentos, pelo menos há 20 anos, não é de agora.

E eu tenho dito que nós iremos fazer a reforma agrária. Podem ter certeza disso, podem ter certeza de que ela vai ser feita com a objetividade necessária, mas dentro das possibilidades em que a gente consiga fazê-la, dando prioridade àqueles que estão mais necessitados.

Hoje, quem anda pelo Nordeste – a Contag sabe disso, o João Pedro sabe disso, o MST sabe disso – sabe que o problema não é apenas assentar, porque essa experiência de colocar miseráveis num canto e em outro já foi feita, muitas vezes, no Brasil.

Em contrapartida, a gente tem milhares de famílias que já têm um pedacinho de terra, mas, quando nós liberamos, João Pedro, o maior crédito do Pronaf da História deste país, quatro meses depois o companheiro Presidente do Banco do Brasil me procurou, depois de um telefonema do Marinho, e me disse: “Companheiro Lula, a verdade é que, pelo Brasil afora, tem muitos



gerentes que perderam a prática de trabalhar com agricultura familiar ou com o pequeno produtor.” Eles não têm mais o hábito de atender porque só atendiam os grandes. E nós decidimos: é preciso reeducá-los, porque nós queremos liberar até o limite, que é junho, se não me falha a memória, os 5 bilhões e 400 milhões que foram depositados para ajudar a reforma agrária.

Mas é um trabalho mais duro tentar organizar os trabalhadores em cooperativas. Porque os trabalhadores não podem ficar trabalhando a vida inteira no cabo da enxada. É preciso levar tecnologia para o campo, criar uma combinação, que é um dos meus sonhos e eu acho que é o sonho de vocês: a combinação da produção, da industrialização e da comercialização.

A cultura da subsistência é necessária. Mas nós precisamos ensinar o povo a produzir com mais qualidade, a vender um pouco e ganhar um pouco de dinheiro, para que possa comprar as coisas de que necessita.

Nós, agora, temos que começar a discutir, nos assentamentos, que tipo de casa nós vamos fazer. É possível construir um novo modelo de escola, um novo modelo de saúde, para as crianças estarem perto, para terem como brincar. Eu não quero repetir as mesmices que já foram feitas neste país, eu quero fazer melhor, com mais tranquilidade.

E podem ter certeza, meus companheiros, não é porque eu estou aqui. Ontem, não tinha nem televisão. Eu fui a Alagoas, onde fui visitar o Canal do Sertão e, chegando lá, tinha 30 prefeitos. E eu fiz questão de dizer para eles: primeiro, eu vou cumprimentar os companheiros sem-terra que estão ali, distantes de mim.

Podem ter certeza de uma coisa: a minha consciência não foi forjada do dia para a noite. A minha consciência foi forjada em muitos anos, depois de muito apanhar neste país. E, para mim, a palavra, como disse o João Pedro Stédile, vale mais do que um documento escrito. A palavra vale muito e, junto com a palavra, a história.

Eu fui visitar aqueles sem-terra, como estou aqui, hoje, para dizer a



vocês: Eu sou Presidente da República só por quatro anos, mas quero morrer defendendo a reforma agrária neste país, sendo ou não governo. E a reforma agrária não é incompatível com a produção empresarial. O Brasil precisa das duas, o que não pode é uma ter privilégio, é preciso dar garantia para que os pequenos possam produzir, viver dignamente, viver bem e criar os seus filhos com honradez.

Nós fomos naquele assentamento Itamarati e vimos que, às vezes, as crianças têm que andar uma hora para ir à escola. Se a gente tivesse construído um núcleo habitacional, uma agrovila, como se chamava na década de 60, a gente teria ali uma boa escola, um bom posto médico, quem sabe até o campo de futebol para o pessoal jogar “pelada”.

O que quero dizer para vocês, meus companheiros, é que tenham a certeza, a clareza de que este companheiro que, hoje, é Presidente da República, viveu 56 anos sem ser Presidente e vai viver, se Deus quiser – apesar da Isabel ter me chamado de gordinho – mais uns 20, depois que deixar a Presidência. E, se Deus quiser, pretendo morrer defendendo as coisas em que acredito para que este país seja, efetivamente, soberano; para que este país tenha no seu povo a mola-mestra das conquistas que precisa ter, inclusive, no âmbito internacional.

Hoje, foi com alegria que eu vi o meu ministro Celso Amorim fazendo aquilo que nós sonhávamos: fazer na Alca apenas aquilo que é possível, e o restante vamos brigar no OMC. As coisas que nos interessam, vamos lá, onde tivermos que brigar. Não queremos impedir nenhum país de negociar, cada um negocia o que quiser. Nós queremos defender a nossa agricultura, a nossa indústria, e queremos que o nosso país seja tratado pela sua grandeza, pelo seu povo, e não apenas do ponto de vista comercial. Isso é muito importante que vocês levem em conta, porque a luta não é só do governo, a luta é da sociedade brasileira.

Companheiros, eu quero dizer mais duas coisas. O companheiro Miguel





Rossetto falou: nós vamos começar, o trem vai ser colocado nos trilhos, vai depender da quantidade de carvão que a gente possa colocar na máquina para fazer mais fumaça e para andar mais rápido e em menor tempo. A gente vai fazer e quer fazer em parceria com vocês.

E eu quero, aqui, dizer que o companheiro Plínio prestou um grande serviço quando o companheiro Miguel Rossetto o contratou para fazer o estudo, e nós não somos obrigados a concordar com números. Eu quero dizer ao Miguel Rossetto que, se depender de mim, este fórum pela reforma agrária tem que participar ativamente de toda discussão que a gente fizer, porque a reforma agrária não é para mim, a reforma agrária não é para o Rossetto, a reforma agrária é para vocês que a vida inteira lutaram por isso.

Queremos ter lealdade com o Movimento para dizer não, quando for necessário, e dizer sim, quando for preciso. Porque o verdadeiro amigo não é apenas aquele que vai empurrando. O verdadeiro amigo, de vez em quando, pega no paletó, puxa e fala: companheiro, não vai, não, que é “gelada”! Essa lealdade eu não quero perder com vocês, porque se eu comecei a minha vida política olhando cada mulher e cada criança no olho, podem estar certos de que eu quero sair da Presidência da República olhando cada um de vocês no olho e dizendo a todos: meus companheiros, é possível que eu não tenha feito tudo que vocês queriam, que eu não tenha feito tudo que eu sonhava, mas podem ficar certos de que eu fiz o que era possível fazer, e fiz com a maior lealdade que um ser humano pode ter pelo outro. Alguns virão ao encontro de vocês e nunca mais vocês irão vê-los. A mim, vocês vão ver, porque eu tenho dito: no movimento sindical eu nasci, no movimento pretendo morrer, participando.

Governar este país é um eterno movimento, um movimento maior, que envolve mais personalidades, que exige conversar com outros dirigentes, com outros Presidentes, exige fazer os ministros viajarem. Nós vamos fazer, podem ficar certos. Eu não estou Presidente da República por acaso, ninguém disse:



“Lula, vai lá e seja candidato”. Eu fui teimoso, fui tihoso e o Partido aceitou a minha teimosia. Perdi três eleições. Muitos, no meu lugar, teriam se recolhido e ficado chorando as lágrimas da derrota. Eu, não. Eu falei: quanto mais a gente perder, mais a gente tem que levantar a cabeça. E, hoje, eu estou Presidente da República, e não esqueço, meus companheiros, nenhum compromisso meu. Mas, de vez em quando, numa estrada – e vocês conhecem isso muito bem – a gente tem que fazer atalho, e às vezes o atalho é mais longo, e nem sempre o caminho menor é o mais seguro para a gente fazer as coisas. Eu tenho certeza de que o Brasil espera que eu faça as coisas certas, eu tenho consciência de que não posso errar, porque se eu errar, eu sei o preço que este país vai pagar, e sei o quanto vai demorar para a gente reconquistar o espaço que conquistamos nas eleições de 2003.

Portanto, podem ficar tranquilos, nós vamos garantir a estabilidade neste país, porque sem isso, tudo o mais será impossível. E nós vamos fazer uma reforma agrária com a tranquilidade que um governo comprometido pode fazer, e é possível fazer.

Eu quero pedir àqueles que têm mais pressa, que são mais nervosos que, se um dia tiverem que me julgar pela nossa relação de amizade, eu peço que deixem para me julgar no final do meu governo. Não julguem precipitadamente, porque a gente pode cometer erros ou precipitação.

Meus companheiros, vir, aqui, com vocês, foi como ir pela primeira vez, à campanha de 1989, olhar cada companheiro, cada mulher, e dizer, antes de qualquer coisa: nós somos irmãos, temos objetivos comuns e, se Deus quiser, com este país inteiro junto, todos os segmentos da sociedade, haveremos de construir o Brasil que vocês sonham, que eu sonho e que outros milhões de brasileiros sonham. E ele só será possível se tivermos habilidade política. Se a gente achar que afrontando um a gente vai ganhar, a gente poderá perder.

Eu vim, agora, de Angola, meus companheiros, onde as pessoas passaram anos lutando pela independência. E quando conquistaram a



independência, em 1975, começaram a lutar em disputas internas pelo poder, desde 1975 até o ano passado. É um país com a economia debilitada, porque não houve alguém que dissesse: gente, nós já tiramos os portugueses, agora vamos nos acertar, a África é nossa. Ninguém sozinho consegue exercer o poder. O que houve foi uma disputa sangrenta. Só para vocês terem idéia, hoje, na África, em Angola, há uma estimativa de 40 milhões de minas espalhadas pelo país, e é por isso que existe uma concentração de crianças sem pernas, sem braços e de pessoas mutiladas. Nós, aqui, já temos experiência, cada companheiro do meu lado, do Ministério, e entre vocês tem alguns de tarimba nas costas.

O que o povo está esperando de nós é o seguinte: façam o que têm que fazer, mas façam com juízo, porque senão quem perde é a parte mais humilde da população.

Muito obrigado, meus companheiros. Vamos lutar, vamos trabalhar, porque haveremos de mudar este nosso querido país.

/mcpro/vpm